

A VIVÊNCIA DO PROJETO “CONSCIÊNCIA NEGRA: FACES DA NEGRITUDE” EM ESCOLA DA REDE PÚBLICA DE IPU (CE)

Lucas Ferreira de Freitas¹

RESUMO

O projeto “Consciência Negra: Faces da Negritude”, desenvolvido na Escola Estadual de Educação Profissional (EEEP) Antônio Tarcísio Aragão, localizada na cidade de Ipu (Ceará), tem como objetivo a abordagem de questões em torno do preconceito racial, tendo a escola como ponto de partida para a conscientização sobre a importância do respeito mútuo para uma convivência plural e livre de preconceito. O projeto foi idealizado pelos professores da área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas. Para embasamento teórico, recorreu-se a autores como Santos (2000) e Fernandes (2008), os quais realizaram discussões sobre a discriminação racial no Brasil. As ações do projeto se desdobraram em momentos de formação em sala de aula, palestras, rodas de conversas, filmes com representatividade negra, jogos on-line e atividades em formato de feira que expressam a cultura afrodescendente no Brasil. Como resultados parciais, verificou-se que ainda há fortes traços de resistência quanto à abordagem da cultura afrodescendente, o que evidencia a necessidade de mais debates em torno do tema, além de uma maior conscientização dos alunos e da comunidade escolar para que possam compreender a importância do respeito às diferenças raciais existentes em nossa sociedade.

Palavras-chave: Preconceito; Cultura afrodescendente; Ambiente escolar.

¹ Mestrando em Sociologia (PROFSocio/UVA). Graduado em Geografia pela Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA). Professor na rede pública do estado do Ceará. E-mail: lucas2009ferreira@yahoo.com.br.

INTRODUÇÃO

A escola, como um espaço democrático, é uma das grandes responsáveis pela formação cidadã. Nela os alunos vivenciam e adquirem grande parte do seu conhecimento: competências, habilidades, responsabilidades e conceitos como conscientização social e humana. Ela representa um espaço importante para os alunos terem contato com a pluralidade de pensamentos e valores.

É o local onde há a aproximação de pessoas de etnias e culturas diversas. Isso tudo acaba tornando o ambiente escolar propício para a ocorrência do preconceito racial. Apelidos pejorativos e a exclusão de indivíduos negros de atividades e projetos disciplinares são exemplos de atitudes racistas, às vezes, até despercebidas entre os próprios alunos. Além disso, professores apresentam dificuldades em reconhecer as situações de preconceito e, conseqüentemente, não conseguem intervir pedagogicamente nesse tipo de situação.

A partir desse pressuposto, são necessárias metodologias que possam aprimorar a aprendizagem dos alunos, incluindo temas relevantes, assuntos que tenham relação com a vida dos jovens, fazendo com que cada um adquira senso crítico sobre a sociedade e a realidade em que estão inseridos, algo tão importante na atualidade. Do ponto de vista pedagógico, é necessário que as escolas e os professores tenham de fato um olhar voltado para a questão do preconceito. A criação de práticas escolares visando a eliminação da visão preconceituosa, tanto de alunos quanto de professores, é imprescindível para a formação de cidadãos justos e com uma visão ampla de mundo.

É necessário preparo para lidar com questões raciais em busca da transformação da escola, para que esta não seja vista como um lugar de exclusão, para que se torne um lugar de inclusão.

Vale destacar, que dentro das instituições ocorrem uma prática racista muito comum na sociedade brasileira, o "racismo institucional", que é aquele que está presente dentro das instituições e a escola é uma dessas organizações, por isso, é importante o ensino antirracista, por ser um mecanismo que pesquisa como desenraizar o preconceito e a discriminação racial em nossa sociedade.

A educação é a principal ferramenta de combate ao racismo. A partir dela, é possível conscientizar os estudantes sobre os impactos que essas práticas racistas ocasionam nas pessoas. Além de consciência para si, os alunos podem compartilhar

informações sobre os povos afrodescendentes. Considerando os alunos como principais atores para impulsionar a mudança de certos paradigmas enraizados na sociedade, pois, a partir do momento em que passam a ter acesso a conhecimentos que visem esta mudança, adquirem visão crítica sobre determinadas situações e, aos poucos, mudam a forma de pensar e agir na sociedade em que estão inseridos. Ampliar as discussões em torno do preconceito racial, tendo a escola como ponto de partida para a conscientização sobre a importância da cultura afrodescendente brasileira para a composição da sociedade, é de suma importância.

A humanidade tem vivenciado mudanças intensas e constantes e, com o surgimento da Covid- 19, vimos aumentar ainda mais, intensificando em muito e quase que abruptamente, a força dessas transformações, provocando mudanças na forma de ensinar e aprender na escola, impactando no trabalho do professor e na forma dos alunos aprenderem determinados conteúdos, sendo necessário o aperfeiçoamento da prática docente de sala de aula, com a utilização das metodologias ativas que é uma forma de pensar o ensino tradicional, buscando colocar os alunos como protagonistas de seu processo de ensino e aprendizagem.

Com o auxílio das novas tecnologias foi possível iniciar as atividades do projeto de forma remota. Foram realizadas reuniões com o núcleo gestor e com os alunos tanto on-line como no espaço físico da escola. Os temas foram distribuídos e os alunos foram se organizando para a realização das atividades.

O presente artigo, trazendo como substância maior a realização de um projeto de cunho antirracista em uma escola pública, tem como objetivos ampliar as discussões em torno do preconceito racial, tendo a escola como ponto de partida para a conscientização sobre a importância da população negra para a constituição da sociedade brasileira; analisar como a temática preconceito racial é abordada na literatura científica brasileira; identificar as manifestações culturais dos povos negros existentes por região do país; incentivar, por meio das atividades desenvolvidas, o respeito mútuo para uma convivência plural e livre de preconceito racial; considerar como os alunos participantes do projeto significam as suas ações.

O trabalho encontra-se dividido em três partes principais. Na primeira parte, apresenta-se uma breve discussão sobre o preconceito racial no Brasil, com enfoque ao negro, e a relação da temática com o processo de ensino e aprendizagem. Sequência-se com a descrição da execução do projeto na instituição de ensino e os

resultados obtidos. A terceira parte traz os dados coletados junto aos alunos participantes sobre como veem as ações do projeto.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A realidade brasileira transpassada pela história mantém continuidade nos dias atuais, em que o Brasil, país mestiço em raças e etnias, ainda detém índices expressivos de preconceito racial. De acordo com (UOL, s/d), “o Brasil foi o maior território escravagista do hemisfério ocidental, o último a extinguir o tráfico negreiro – com a Lei Eusébio de Queirós em 1850 – e também o último a abolir a escravidão por meio da Lei Áurea, em 1888”.

A pessoa negra no território brasileiro sofre distinções em diversos aspectos. Mesmo que o Brasil seja o país que detenha o maior contingente de população negra fora da África, são encontradas formas de racismo estrutural que se perpetuam na sociedade brasileira e que impregnam o território nacional. O preconceito racial no Brasil enfatiza que a figura negra pode ser vista em diversas faces e âmbitos sociais inimagináveis. Isso acontece porque, embora haja a premissa da igualdade jurídica presente na Constituição Brasileira, há mecanismos informais de discriminação que filtram o acesso dessa parcela da população a oportunidades, como aponta Florestan Fernandes.

A desagregação do regime escravocrata e senhorial se operou, no Brasil, sem que se cercasse a destituição dos antigos agentes de trabalho escravo de assistência e garantias que os protegessem na transição para o sistema de trabalho livre. Os senhores foram eximidos da responsabilidade pela manutenção e segurança dos libertos, sem que o Estado, a Igreja ou qualquer outra instituição assumisse encargos especiais, que tivessem por objeto prepará-los para o novo regime de organização da vida e do trabalho (FLORESTAN, 2008, p. 28).

Constata-se que a inserção do negro como parte integrante e livre na sociedade brasileira ocorreu de forma completamente contestável, sem qualquer amparo por parte da legislação ou preparação para uma vida em “liberdade”. Tal cenário reflete até os dias atuais a dificuldade encontrada pelos negros para serem incluídos socialmente em todos os aspectos da vida, sofrendo preconceito racial sem precedentes.

Milton Santos, ao escrever no jornal Folha de São Paulo o texto “ser negro no Brasil hoje”, colocou: “ser negro no Brasil é, pois, com frequência, ser objeto de um

olhar enviesado. A chamada boa sociedade parece considerar que há um lugar predeterminado, lá em baixo, para os negros e assim tranquilamente se comporta".

Esse pensamento ainda é muito presente em nossa sociedade, e tal conduta precisa ser combatida, visto isso temos a escola como ponto de partida para a reflexão, de modo que todos possam ser respeitados independentemente da cor da pele. Ademais, em 09 de janeiro de 2003, foi aprovada a Lei nº 10.639/2003, que acrescentou à Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) dois artigos: 26-A e 79-B. A Lei diz:

Art. 26-A. Nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares, torna-se obrigatório o ensino de História e Cultura Afro-Brasileira. Art.79-B. O calendário escolar incluirá o dia 20 de novembro como "Dia Nacional da Consciência Negra". Art.2º. Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação (DCN, Educação das Relações Étnico Raciais, MEC, 2005, p. 35).

Nesse contexto, é necessário que os professores adotem em sua prática um olhar voltado para a questão do preconceito ainda tão presente em nosso cotidiano. São valiosos o estudo das origens junto à contribuição dos negros na composição da formação da sociedade brasileira, além de práticas escolares visando à eliminação da visão preconceituosa que é imprescindível para a formação de valores éticos e humanos.

METODOLOGIA

Inicialmente foi feito levantamento bibliográfico de autores que abordaram a temática, a fim de obtermos embasamento teórico para melhor prosseguimento e execução do plano de atividades propostas. Realizamos encontros on-line com os membros do núcleo gestor da escola para apresentação da proposta do projeto e cronograma de execução.

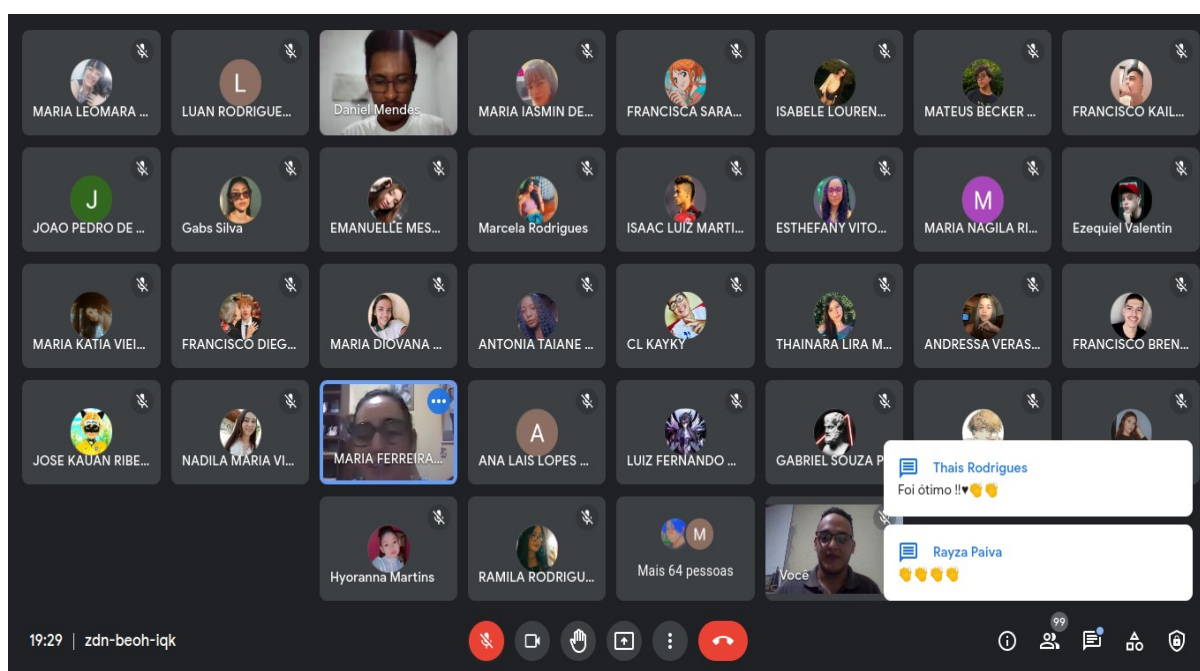
Selecionamos as turmas por ano/série para apresentação do projeto. A escola conta com quatro turmas de 1º ano, quatro de 2º ano e quatro de 3º ano do ensino médio, num total de 507 alunos, oriundos dos municípios de Ipu (CE) e Pires Ferreira (CE). Desta forma, tem-se uma boa representatividade de pessoas que podem multiplicar em suas comunidades o debate realizado na escola sobre a questão do preconceito racial.

No segundo momento, foram realizados encontros formativos para as turmas, com aulas de 50 minutos de duração. As formações tratavam sobre assuntos relacionados ao Dia Nacional da Consciência Negra, ao preconceito racial no Brasil,

a práticas pedagógicas em torno de questões sobre preconceito e a representatividade da cultura afro, a sua história e a cultura.

Durante o mês de novembro, realizou-se palestras por meio do Google Meet conforme mostra a (Figura 01), também realizamos momentos de debate presencial com convidados experientes com a questão abordada (Figura 02/03). Foi organizado um cronograma com dia e horário para que as doze turmas da escola participassem. Os temas abordados foram: “FACES da negritude: uma análise da violência racial e estrutural na contemporaneidade”; “Leis de cotas raciais” e “A luta contra o racismo cotidiano”.

FIGURA 01: Palestra Google Meet.



FONTE: Pelo autor.

FIGURA 02: Palestra.**FIGURA 03:** Palestra.

FONTE: Pelo autor.

FONTE: Pelo autor.

Foram exibidos filmes com debates sobre o surgimento do Dia Nacional da Consciência Negra, bem como aconteceram reflexões sobre representatividade negra. No mesmo período, também, foram realizadas ações lúdicas socioeducativas na escola. Os alunos participaram de jogos on-line no Laboratório de Informática (LEI), com discussões relacionadas à cultura afro-brasileira.

Durante o ano letivo, as turmas participaram de um Sarau da Cultura Negra (Figura 04/05), momento onde todos se reuniram para declamar poemas, poesias e textos, depoimentos de professores convidados que discutiam a temática estudada, dança e música com grupo "Raízes" formado por alunos e professores da escola (Figura 06), e a participação da banda "Na Vibe Reggae Music".

FIGURA 04: Sarau.



FIGURA 05: Sarau.



FONTE: Pelo autor.

FONTE: Pelo autor.

FIGURA 06: Sarau.



FONTE: Pelo autor.

O encerramento das atividades do projeto em 2022 aconteceu no dia 01 de dezembro, com a Feira da Cultura Afro (07/08). O momento visou a socialização festiva para celebrar a heterogeneidade da cultura, envolvendo toda a comunidade escolar.

Das ações citadas, participaram cerca de 500 alunos. Para a etapa de pesquisa sobre como viam os resultados, 102 alunos se dispuseram a preencher formulários online.

FIGURA 07: Palestra.



FONTE: Pelo autor.

FIGURA 08: Palestra.



FONTE: Pelo autor.

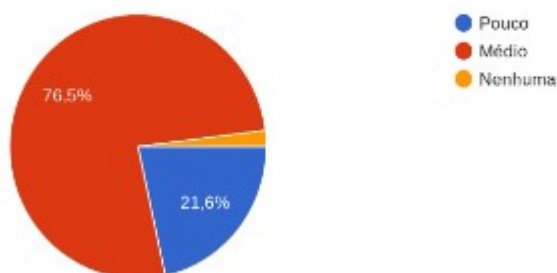
ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

A avaliação do projeto foi realizada por meio da aplicação de um questionário do Google Forms, com questionamentos envolvendo a temática estudada com os alunos das turmas responsáveis pela realização das atividades.

No primeiro questionamento foi indagado sobre o nível de conhecimento dos alunos sobre a temática abordada no projeto. Pelas respostas dos alunos, evidenciadas no gráfico 01 pode-se verificar o grau de conhecimento: 76,5% responderam que tinham conhecimento médio e 21,6% tinham pouca compreensão do assunto.

Gráfico 01: Nível de conhecimento dos alunos sobre o tema cultura africana.

01: Que nível de conhecimento você tinha da cultura africana antes de ter participado do evento?
102 respostas



Elaboração: Pelo autor.

O segundo questionamento foi se os alunos gostaram do assunto tratado. 102 alunos responderam "Sim", como apresentado no gráfico 02 e nas respostas apresentadas em seguida.

Gráfico 02: Segundo questionamento.

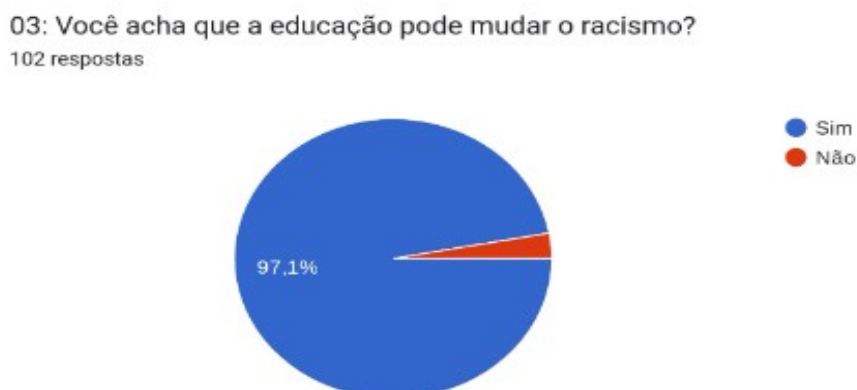
Elaboração: Pelo autor.

Aluno A: “-Sim. Pois a partir do projeto, pude expressar o meu ponto de vista sobre a temática estudada”.

Aluno B: “-Sim, pois me trouxe a oportunidade de visualizar de forma diferente a história dos negros no nosso país”.

Aluno C: “-Sim, pois foi dinâmico a realização do projeto, trouxe novas propostas”.

Ao considerar o gráfico 03, percebe-se que 97,1% dos alunos acreditam na educação para conscientizar as pessoas sobre a importância de combater o racismo na sociedade em que vivemos e como propostas de ações foram mencionados debates, pesquisas e, principalmente, iniciativas por parte dos professores e da escola.

Gráfico 03: Educação para o combate ao racismo.

Elaboração: Pelo autor.

Quando questionados se já vivenciaram práticas racistas, muitos responderam que não sofreram, mas já presenciaram atitudes de outras pessoas.

Aluno A: “-Não, nunca presenciei ataques racistas”.

Aluno B: “-Sim, eu acho isso desnecessário, até porque todos nós temos o mesmo sangue correndo pelas veias”.

Aluno C: “-Não, mas já ouvi falar”.

Aluno D: “-Sim, já tive amigos que passaram por isso e o relato deles é de revolta porque racismo não era para existir e preconceito tudo isso é apenas ignorância e falta de informação dessas pessoas que praticam racismo e preconceito é uma coisa antiética”.

Aluno E: “-Sim, mas prefiro não comentar”.

Aluno F: Felizmente nunca presenciei, porém por meio das redes sociais, pude ver o quanto isso ainda persiste no nosso mundo e é muito triste saber que isso continua sendo praticado”.

Aluno G: “-Sim, quando morava no Rio de Janeiro já presenciei vários ataques racistas contra pessoas negras, seja na rua e principalmente no shopping, desde mais leves a ataques mais sérios”.

A vivência do projeto permitiu constatar que ainda existe sim preconceito racial, e que é muito importante trabalharmos essa questão em sala de aula para que os alunos possam desenvolver a consciência de que somos todos iguais perante a sociedade e temos os mesmos direitos e deveres. Muitos ainda têm dificuldade em entender esses temas abordados e também certa rejeição quanto a determinados assuntos.

Durante a implementação do referido projeto, passei por diversas situações, desde a negação por parte de alguns alunos em relação à temática, ao preconceito por parte dos pais diante de determinadas atividades desenvolvidas na instituição. Vale mencionar que foram desenvolvidas diversas ações: palestras com autores que abordam a questão, oficinas ministradas pelos professores da área das Ciências Humanas e Sociais Aplicadas e ações socioeducativas dentro e fora da escola.

Como algumas atividades foram desenvolvidas de forma remota, alguns pais puderam assistir a uma palestra juntamente com os filhos pelo Google Meet. Ao assistir, uma mãe achou estranho o assunto abordado e entrou em contato com um membro do núcleo gestor e indagou se o tema da aula era sobre macumba.

Isso demonstra como a sociedade ainda opera de forma preconceituosa em relação a determinados assuntos como religiões de matrizes africanas. Logo após a pergunta, o membro do núcleo gestor explicou aos pais que o projeto se tratava da temática Consciência Negra e estava relacionado às situações vividas pelas pessoas negras do nosso país.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho desenvolvido evidenciou a valorização da convivência numa sociedade plural, mostrando a cultura afrodescendente aos alunos e comunidade escolar. Contribuiu para tornar mais evidente e não somente mais exposto, em tom crítico e reflexivo, a importância da luta pela conscientização racial.

Os professores podem trabalhar o preconceito racial por meio de palestras, sendo importante a exposição de relatos de pessoas negras sobre suas vivências e, principalmente, sobre as dificuldades encontradas por ser uma pessoa negra. Jogos e brincadeiras voltados para a pluralidade também são opções recomendadas.

Projetos pedagógicos em menção a datas comemorativas, como o Dia Nacional da Consciência Negra, visando alcançar um nível de conhecimento superior aos estudantes acerca da História e Cultura Afro Brasileira. Há vários mecanismos de práticas pedagógicas que podem ser utilizados da melhor forma possível para a consagração de uma mentalidade mais justa e livre de preconceitos.

A escola, por meio da educação, pode ser o ponto inicial para a conscientização sobre o respeito às diferentes culturas, raças, credo e gênero, pois é muito importante proporcionar conhecimento aos educandos sobre a temática para que todos possam aprender a valorizar e respeitar a cultura afro-brasileira e, em especial, respeitar as pessoas negras.

A mensagem de que somos todos iguais como pessoas em dignidade e potenciais e de que temos os mesmos direitos é essencial para uma sociedade mais justa, igualitária, apta ao desenvolvimento. Nesse sentido, faz-se necessário trabalhar a temática preconceito racial junto aos jovens, nessa etapa tão importante em suas vidas, onde são fundamentais sua formação acadêmica, pessoal e social.

Para tanto, evidenciar o preconceito em suas diferentes vertentes e formas de enfrentamento. Visando a substanciar tal empreendimento, é necessário que a escola promova estudos e debates no sentido de questionar os preconceitos existentes dentro da sociedade, partindo não apenas destes, mas também da

diversidade que compõem os ambientes geográficos sociais, ou seja, os espaços constituídos em seus aspectos físico–ambientais e humanos como meio de reconhecer e valorizar que na heterogeneidade se vê toda uma riqueza, se tem todo um potencial.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o ensino da História e Cultura Afro-Brasileira e Africana**. Brasília, 2005.

FERNANDES, F. **A Integração do Negro na Sociedade de Classes**. Volume I. Ensaio de Interpretação Sociológica. 5. ed. São Paulo: Globo, 2008.

RACISMO no Brasil. UOL, s/d. Disponível em: <https://mundoeducacao.uol.com.br/sociologia/racismo-no-brasil.htm>. Acesso em: 13 de jun. de 2023.

SER NEGRO NO BRASIL HOJE. Folha de São Paulo. São Paulo, 07 de maio de 2000. Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs0705200007.htm>. Acesso em 02.01.2022.